

*Ms. S. 12658*

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 33

**O lôgro da Bandeira Branca**

PUBLICADA PELO

*Col. 33*

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917

MAP LEG.





## O lógro da Bandeira Branca

---

No meio desta baralunda de prós e contras com respeito ás propostas de paz, á Conferencia de Stockolmo e á Nota do Papa, não será permitido aventurar uma palavra a favor dos soldados que estão no *front* e que serão os primeiros a resentir-se do eleito da paz mais profundamente, com certeza, que ninguem? Houve ha pouco nos jornais uma declaração enfatica da parte duns 300:000 membros duma sociedade de militares incapacitados ou licenciados, contra o projecto de enviar delegados a Stockolmo e contra uma paz prematura. Esses teem direito de serem ouvidos, e ainda maior direito teem os que estão nas trincheiras.

Não pode haver a menor duvida que o exercito deseja a Paz. Deseja-a com todas as fibras da sua alma. Porém não deseja uma paz inconclusiva, uma paz alemã, uma paz illusoria que não servirá se não para facilitar os preparativos duma nova guerra. Esta questão da paz toca-nos de perto; estamos pela maior parte enjoados de tanto lalar em «alemães arrependidos» e tudo o mais. Conhecemos esses alemães arrependidos. Entre nós ha muitos que os conhecem por dura experiencia. Tambem conhecemos o lógro da Bandeira Branca; exigimos que as propostas de

paz não sejam dessa raça. A *Black Watch* conta a historia dum official «alemão arrependido» que, levantando as mãos, trouxe consigo alguns soldados que se achavam numa situação critica, e quando um official da *Black Watch* avançou para os receber, o alemão puxou de repente duma pistola e estendeu-o morto. Deve haver bastantes soldados em quasi todos os regimentos que tenham presenciado o avanço duma fileira de soldados alemães com bandeiras brancas e assim que parou o nosso fogo e a nossa gente estacou para que elles se aproximassem: a primeira fileira atirou-se de repente ao chão e as fileiras que vinham atraz, abriram um fogo inesperado e mortifero. E os batalhões que primeiro saltam uma trincheira conhecem uma outra manobra com a bandeira branca: assim que a nossa primeira onda se precipita contra a primeira trincheira alemã, eles levantam as mãos e bradam *Kamerad* e os nossos, deixando-os ahi, levam o ataque á segunda linha. Porém assim que se acham entre as duas trincheiras, os alemães da primeira agarram de novo nas espingardas e nas metralhadoras e fazem um fogo mortifero sobre eles. Os homens destes batalhões descejariam ser ouvidos com respeito ao «alemão arrependido». Da mesma maneira tambem, sem duvida, os canadianos que viram os seus camaradas crucificados em Ypres, e os australianos que viram desarmar os seus companheiros, prisioneiros dos alemães, e depois assassinados a sangue frio em Bullecourt. Não se pode esperar que os politicos e os socialistas sintam estas

coisas tão profundamente como nós; mas podemos dar-lhes sem paixão as nossas razões reflectidas sobre as idéas correntes de paz e esse falatório de «paz sem anexações, sem indemnisações e a liberdade dos mares».

Não somos, pela grande maioria, soldados de profissão. Estamos anciosos por ver esta guerra acabada, de alcançarmos a paz, de regressarmos aos lares e de acaharmos para sempre com a guerra. Não desejamos que a nossa gente na patria se deixe iludir com a manobra da Bandeira Branca da paz e que afrouxe o esforço e a resolução para que os alemães se encontrem preparados de novo e em melhor situação para se atirarem a nós a ferro e fogo. Não queremos umas longas treguas que os alemães hão de aproveitar até á ultima para fazer novos preparativos para um outro ataque, caso as condições de paz lhe não agradem. Não queremos uma paz que permita ás Potencias Centrais prepararem-se para uma guerra futura que desencadearão depois dalguns anos passados em aumentar os terrenos cultivados, em ahastecer-se de materias primas, em construir fabricas de maquinas de costura — e contra isso não havia nada a dizer — mas que facilmente se poderiam transformar em fabricas de mechas para projecteis e de grandes peças de artilharia. Queremos que não possam ter nem a vontade nem a possibilidade de construir uma esquadra de submarinos para na guerra nova meter no fundo metade da nossa armada — propondo-lhes a condição que nós havemos de manter uma força

suficiente para os impedir de fazer isto, e vereis o que respondem. Não queremos que a Alemanha tenha á sua disposição um exercito disciplinado de alemães, austriacos, turcos e outras nacionalidades, formando uma ameaça perpetua. Sabemos o que isso significaria — significaria que nós, o exercito actual, seriamos as primeiras victimas dessa ameaça, significaria um exercito em pé de guerra como acontece no Continente pela lei de recrutamento, e que nós, soldados práticos, ficaríamos debaixo de armas durante anos ou nos veriamos obrigados a um tirocinio de mezes todos os anos. Repito: sabemos — ou se o não sabemos cremos — haverá alguém que ouse afirmar que não temos razão?

Emquanto a indemnisações, vemos os estragos que a guerra tem feito nestas terras: as aldeias e as vilas reduzidas a pó, as hortas desaparecidas, os campos incapazes de cultura, cheios de fundas covas onde nem o arado nem a enxada poderão passar durante muitos anos, inundados por aguas salgadas ou estagnadas. Ha quem sugira benevolmente que, visto todas as nações terem egual responsabilidade na guerra, todas deverão contribuir para o custo da reparação. E isto quer dizer que nós, os soldados do exercito actual, arrancados ás nossas occupações pacificas, arremessados para uma guerra que detestamos, sacrificando em muitos casos a carreira, o negocio, a obra da nossa vida, suportando tudo quanto nos tem cabido de perigo e desconforto fisico, temos de voltar para o lar (os que não são alistados), retomar o nosso trabalho

— quando isso seja possível — e passar o resto da vida a labutar para poder pagar os enormes impostos precisos para custear a nossa parte duma guerra que odiamos e da destruição brutal da Alemanha. Se algum de nós aqui partir uma janela, é logo condenado a pagar o estrago, e se roubar uma casa é enviado ao tribunal de guerra e sofre a pena de morte; os alemães teem roubado, queimado, destruído só por malícia, e nós havemos de passar a nossa vida a pagar o mal que eles fizeram? Não tem a Alemanha desde o principio exigido custos ou indemnisações das cidades e dos paizes conquistados? Não estão pagando as cidades de Bruxelas e Bncarest uma indemnisação mensal de milhões de libras? Não se tem tirado aos conquistados até ao ultimo centil? Não foram obrigados a trabalhos forçados? Não se viram privados dos seus bens desde o principio da guerra?

O exercito actual não pode aceitar o preceito que «todas as nações teem igual responsabilidade na guerra». Quem usará dizer-nos que nós desejavamos a guerra, que estavamos preparados para ela, que acreditavamos, por um momento que fosse, que ela se aproximava? Sabemos que dos nossos soldados nem um em mil tinha trajado farda, nem sabia pegar numa espingarda antes da guerra; sabemos, infelizmente para nós, que não quizemos ouvir os que conheciam a verdade e nos preveniam constantemente das intenções da Alemanha. É os que vieram para aqui em 1914-15 souberam infelizmente á sua custa que a nação não estava de forma alguma

preparada para a guerra, que havia uma falta horrível de homens, de projecteis, de espingardas, e ausencia total de morteiros de trincheira e bombas—que tínhamos deante de nós milhões de soldados alemães, seis, oito ou dez peças contra uma das nossas, morteiros pesados e de sitio e nós nenhum, projecteis sem conto e nós tres cargas diarias para cada peça. Para termos igual responsabilidade deveriamos estar igualmente preparados e igualmente prontos. Quem ousará afirmar que o estavamos?

Nós, os homens que estão nas trincheiras, aspiramos pela paz. Mas queremos uma paz segura e duradoura. Não queremos uma paz de Bandeira Branca. Sabemos que estamos vencendo, que, se continuarmos mais alguns mezes, ditaremos as condições da paz. Estamos fartos de tudo isto; porém preferimos continuar durante mais alguns mezes para alcançar a victoria final, completa, absoluta, sem disputa e sem regateio de condições. Sabemos que para o ano estaremos em condições de dizer: «Eis as nossas propostas. Aceitai-as e não haverá mais guerra nem nos nossos dias, nem nos dos nossos netos. Recusai-as e continuará a luta, e as condições depois não serão mais faceis.» E' brutal, dirão os pacifistas. Será, mas a guerra é indizivelmente brutal. E' por sabermos quanto ela é brutal que a não queremos mais no mundo; é por isso que combatemos, resolvidos a acalhar com ela.